

Imagem da resistência: a construção social da identidade através da imagem do MST¹.

Pedro Campeão Ferreira²

Resumo:

O presente trabalho visa realizar uma análise da relação entre o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e a mídia. Num país historicamente marcado pela manutenção do latifúndio. O MST é um exemplo de ator social que vive o dilema da busca de legitimidade e do não reconhecimento no campo dos meios de comunicação de massa a partir das formas de representação feitas sobre ele.

Palavras-chave: Movimentos Sociais – Identidade - Mídia

Abstract

The present research aims to realize an analysis between “Movimento dos trabalhadores Sem Terra”, the “MST” and media. In a country historically marked by the maintenance of latifundium, the “MST” is an example of social agent who lives the dilemma of the search of legitimacy and the negative recognition in the means of mass communication starting from the representation that is made about them, motivated by wrong information available in such means.

Key-words: Social Movements – Identity - Media

¹ Trabalho resultante da pesquisa de Iniciação Científica PIBIC/UENF, sob a orientação do professor Dr.Sérgio Luiz Pereira da Silva LESCE/UENF.

² Bolsista PIBIC/UENF Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Introdução:

A formação da identidade do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra constitui um complexo processo de reconhecimento e afirmação de suas características sócio-culturais nos espaços públicos e privados da sociedade. A afirmação do MST, principalmente no espaço público, sofre grande influência da indústria cultural, mais particularmente nas formas como a mídia determina a apresentação dos fatos sociais sobre a realidade. A outra face da moeda reside na necessidade da relação do movimento com a mídia, a fim de fortalecer suas representações simbólicas (Bourdieu, 1989.) No processo de construção social da imagem do Movimento dos Sem Terra, há uma representação visual do MST na mídia que se contrapõe a uma representação visual e estética produzida pelos atores do próprio movimento ou agentes sociais simpatizantes com a sua causa.

Busco, analisar como, a partir das formações identitárias, se desenvolve a produção cultural e a identidade social de resistência e de projeto do Movimento dos Sem Terra, com base no conceito de identidade cultural e processos identitários na sociedade globalizada. Essa análise se fundamenta na investigação da de como a mídia produz imagens e representações sobre as ações de ocupações do MST.

Será apresentado um estudo comparativo sobre as formas de representação visual do MST reproduzidas nos meios de comunicação de massa (indústria cultural - televisão, rádio, Internet, etc) e nas formas de representação visual presentes no livro Terra do fotógrafo Sebastião Salgado.

Essa questão tem relevância sobre a perspectiva do processo de reprodução da identidade estética do MST como elemento de afirmação social da sua identidade de projeto, associada a sua identidade de resistência (Castells, 1999).

Cultura Visual e Imagem da Mídia.

A fotografia possui um ponto de convergência com a identidade que se apresenta bastante interessante à sociologia no que diz respeito à representação. “As identidades são produzidas e reguladas na cultura, criando significados através dos *sistemas simbólicos de representação*, que permitem uma aproximação a *self* dos indivíduos”. (Caetano, 2007, pág.5, grifo original) Seguindo essa idéia, a fotografia também pode ser utilizada como instrumento metodológico tendo em vista a grande carga de informação contida numa fotografia. A princípio, esta nos parece uma mera reprodução mecânica fiel de uma determinada realidade,

no entanto ela projeta algo determinado e pré-concebido sobre o produtor que intervém diretamente na sua produção. Daí o princípio da fotografia como um intermédio (Bourdieu, 1979) entre o objetivismo mecânico da fotografia e o subjetivismo da sua produção o qual participou de um processo de construção que, inevitavelmente, passou por um processo de seleção que envolve, necessariamente, valores estéticos e éticos.

A ligação entre a proposta autônoma da fotografia com os valores éticos e estéticos nela embutidos, permite organizar os esquemas de percepção e de pensamento comuns a todo um grupo. O seu uso sociológico se justifica ainda pela larga utilização da fotografia, considerada uma arte de acesso mais irrestrito.

No entanto, não basta reconhecer o status sociológico das imagens, sem perceber sua relação com a sociedade. Há, atualmente, uma predominância da indústria cultural nas formas de distribuição de informação (Sardelich, 2006), principalmente após o final da década de 70 quando os sistemas audiovisuais entraram em ascensão. Esse é um marco que nos leva a buscar uma melhor compreensão da utilização da semiótica nos mais diversos campos relativos à cultura, desde a educação, a ação política, o comportamento etc. Vivemos um período marcado pela cultura visual no qual se faz necessário uma maior necessidade de decodificação das informações visuais.

Semelhante crítica, direcionada à alfabetização gráfica, serve para a forma como se desenvolve a alfabetização visual (LIMA, 1988), isto é, formação preponderante de leitores automáticos e não autônomos, onde os indivíduos são capazes de reconhecer os códigos, no entanto, não são capazes de interpretá-los criticamente de acordo com suas leituras no cotidiano.

Sob o aspecto da imagem produzida sobre o MST, argumento que as imagens apresentadas na mídia, principalmente nas revistas, possuem um determinado valor visual ideologicamente constituído e nos casos que analisei, raramente depõem a favor do MST. As imagens apresentam uma perspectiva estereotipada do MST que se baseiam na vulgarização estética do mesmo.

No entanto, seu cunho ideológico está preponderantemente nos textos e legendas colocadas nas fotos. As representações do movimento são, em geral, negativas, pois procuram não reconhecer a legitimidade das bandeiras do Movimento, bem como transmitir a idéia de que representa um grupo que pretende apenas desestabilizar a ordem. As raras exceções são os jornais de cunho político produzidos por outros movimentos sociais, como movimentos estudantis e sindicatos ou quando se apresentam através de personalidades reconhecidas pela mídia simpatizante da causa. Nesse último caso, o foco é sempre a personalidade, raramente

as causas do MST ou ao menos a reforma agrária. Tomando como exemplo o material coletado na revista *Veja*, apesar deste pouco se valer da linguagem fotográfica isolada em seus conteúdos, ataca, sistematicamente, em todo o material coletado as ações do Movimento. Porém, contraditoriamente, apresenta uma matéria³ de 17 páginas exaltando o trabalho de Sebastião Salgado, que afirma, na própria entrevista, que sua obra não pode ser separada de sua ideologia. As fotografias apresentadas nessa entrevista, mesmo que desconexas do seu contexto narrativo, depõem contra o direcionamento da grande maioria das matérias coletadas, o que confirma o status coadjuvante da utilização das imagens como objeto de informação da grande mídia.

Da mesma forma que em sua obra *Terra* o autor apresenta o seu ponto de vista sobre a importância da educação no campo a fim de conscientizar o trabalhador sobre a sua situação de exploração, a mesma revista que o exalta, produz uma matéria⁴ atacando a instalação de escolas públicas nos assentamentos e acampamentos do MST, enquanto em sua linha argumentativa os compara a sucursais do Islã. É bastante vago o que significa para o autor desta matéria o que seria uma sucursal do Islã, mas marcadamente, pretende-se passar a idéia de algo de cunho terrorista. O ponto no qual fica claro o cunho de oposição é a indução e a assimilação de uma escola que prega a não exploração do camponês, a uma escola que produz terroristas, quando na verdade, o terror encontra-se na possibilidade de uma massa historicamente explorada reivindicando seus direitos por terras.

Considerações Finais

O livro *Terra*, de Sebastião Salgado representa a possibilidade de construção sociológica de fatos e narrativas históricas a partir da fotografia. Lembrando que a parte escrita apresentada em seu trabalho, de forma oposta ao que predomina atualmente, compõe apenas um apêndice da sua narrativa. Ele apresenta, a partir do seu ponto de vista, o ideal de resistência de um grupo que representa, atualmente, o maior movimento social da América Latina. Importante caracterizar o apelo emotivo contido no seu relato visual do movimento que o diferencia dos demais trabalhos escritos, de mesmo cunho ideológico sobre o mesmo tema. A reação do público frente a um trabalho visual com características de denúncia das desigualdades sociais é radicalmente diferente a reação frente a um trabalho escrito. Assim, podemos ler o livro *Terra* e perceber que há uma cronologia histórica que começa na gente da

³ Revista *Veja*, 12 de março de 1997.

⁴ Revista *Veja*, 08 de setembro de 2004.

Terra, os índios, e constrói a partir deles, através do material fotográfico todo o processo de expropriação da terra ocorrido nos últimos quinhentos anos no Brasil. Lembrando que o autor não se restringe a fazer uma narrativa visual do processo de expropriação, ele apresenta histórias de vida individuais que se repetem ao longo do tempo em nosso histórico processo de concentração de terra e violência no campo.

Bibliografia:

ALEGRE, Maria Silvia Porto. Reflexões sobre iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual. In FELDMAN-BIANCO, B. e LEITE, Míriam L. Moreira Leite. (ORGs). *Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, Papyrus. 2001.

BOURDIEU, Pierre. *La fotografía: un arte intermedio*, Trad. Tununa Mercado, México, Nueva Imagen, edición en español, 1979.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa, Difel. 1989.

CAETANO, Ana. A fotografia privada nos processos de (re)construção identitária. In CIES e-Working Paper nº25. Lisboa, 2007.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. São Paulo. Paz e Terra, vol.II, 1999.

GALANO, Ana Maria. Iniciação a pesquisa com Imagem. In FELDMAN-BIANCO, B. e LEITE, Míriam L. Moreira Leite. (ORGs). *Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, Papyrus. 2001.

LIMA, Ivan. *A fotografia é a sua linguagem*. Apresentação Walter Firmo. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1988.

MIGUEL, Jesús M. de. LÉON, Omar G. Ponce de. Para uma Sociología de la Fotografía. In Revista Española de Investigaciones Sociológicas. pp. 83-124. 1998.

PEIXOTO, Clarise Ehlers, “Caleidoscópio de Imagens: o uso do vídeo e sua contribuição à análise das relações sociais. In, FELDMAN-BIANCO, B. e LEITE, Míriam L. Moreira Leite. (ORGs). *Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, Papyrus. 2001.

SALGADO, Sebastião. *Terra*. Prefácio José Saramago. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens e cultura visual: desenredando conceitos para a prática educativa. In *Educar*, nº27, p. 203-219, Curitiba, Editora UFPR, 2006.